

ENSINO DE TECLADO PARA UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN: possibilidades e desafios

Marisa Nóbrega Rodrigues

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
marisanbr@gmail.com

Aluska Danyelle Souto de Souza

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
aluskadanyelle@yahoo.com.br

Carina Souza da Silva

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
patriciabelisario@gmail.com

75

RESUMO

Este trabalho relata a experiência vivenciada no contexto de uma escola de música, com um aluno de teclado, que tem Síndrome de Down. Durante quatro meses, foi ministrada uma aula por semana. Para tanto, realizamos adaptações metodológicas, a fim de atender às suas necessidades educacionais especiais e integrá-lo com outros alunos. Adotamos como arcabouço teórico educadores musicais que discutem em torno do tema de educação musical (PENNA, 2011) e, especificamente, pesquisadores que se dedicam ao estudo da educação musical inclusiva (LOURO, 2018; VIANA; MARCELINA, 2017), entre outros. Como resultado, observamos que as atividades musicais lúdicas e com estímulo visual facilitaram o acesso à linguagem musical do aluno com Síndrome de Down.

Palavras-chave: Teclado. Educação Musical Especial. Síndrome de Down.

1 INTRODUÇÃO

Recentemente, pesquisadores da área de educação musical têm discutido em torno de práticas inclusivas para alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), promovendo diversas ações que vêm fomentando a área.

O nosso interesse na educação musical especial surgiu a partir da necessidade de incluir alunos com deficiência nas aulas de música, especificamente, o aluno Paulo¹, com Síndrome de Down, na aula de teclado em uma escola de música.

Apesar dos esforços dos pesquisadores, constatamos a escassez de trabalhos publicados sobre o ensino de teclado para pessoas com Síndrome de Down. Assim sendo, cabe ao educador buscar e criar novas estratégias pedagógicas para facilitar o acesso à linguagem musical de pessoas com Síndrome de Down. Sobre essa questão, evidenciamos que

[...] através do modo de ensinar que podemos selecionar e organizar os conteúdos de acordo com a capacidade cognitiva e os interesses de nossos alunos; planejar atividades de que motivem a turma e, ao mesmo tempo, permitam o desenvolvimento de suas habilidades/capacidades; empregar os recursos disponíveis, mesmo que limitados, em função do processo educativo etc. (PENNA, 2011, p. 14).

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada nas aulas de teclado em uma escola de música, com o aluno Paulo, descrevendo as atividades e adaptações elaboradas, a fim de atender às suas NEE e incluí-lo nas aulas. Para isto, dialogaremos com educadores musicais, que estudam em torno da educação musical inclusiva (LOURO, 2018; VIANA; MARCELINA, 2017) entre outros, a fim de promover a discussão na área.

¹ Por questões éticas, usaremos o pseudônimo Paulo.

2 O ALUNO PAULO

Paulo tinha quatorze anos de idade quando ingressou na escola de música. Ele nasceu com Síndrome de Down, devido a trissomia do cromossomo 21. Seu primeiro contato com o estudo da música através do teclado, foi aos sete anos com um professor particular, que lhe introduziu no mundo da música. Na época, ele aprendeu a tocar uma Valsa, com bastante desenvoltura, porém, não gosta de tocar para as demais pessoas, porque se sente envergonhado e costuma dizer que não lembra mais da música.

Sua vivência musical não se restringia apenas às aulas de teclado, pois sempre acompanhou o pai nos ensaios do coral da igreja e, por várias vezes, chegou a cantar, espontaneamente, acompanhando o coral em um clima de alegria.

Por razões adversas, Paulo não deu continuidade às aulas de teclado com o professor particular, deixando um intervalo de sete anos entre a sua iniciação e a retomada aos estudos na escola de música.

3 O INÍCIO DAS AULAS

Paulo foi o primeiro aluno com Síndrome de Down dessa escola de música. Ao ingressar na referida escola, o diretor veio falar conosco para saber se tínhamos capacidade de ministrar aulas para Paulo, devido à sua NEE. Imediatamente, aceitamos o desafio e nos preparamos para as aulas, realizando uma breve pesquisa para entender como é a Síndrome de Down e buscando mecanismos pedagógicos para colocar em prática na sala de aula.

Entendemos que é necessário buscar formação na área de educação musical especial, com a finalidade de ter ferramentas para atuar no contexto da sala de aula. Corroboramos com a ideia de que é fundamental

[...] questionar e discutir profundamente o papel do professor e sua formação. Nós, enquanto educadores, precisamos ficar sempre atentos para não acreditarmos que se pode julgar os estudantes, categorizando-os entre os que "podem" ou "devem" e os que "não podem" ou "não devem"

aprender; minha prática profissional me informa diariamente: não existe quem não possa aprender. (LOURO, 2018, p. 54).

Para estudar junto ao filho, o pai de Paulo fez matrícula na mesma turma de teclado, visto que se interessou em aprender a tocar o instrumento e queria estar envolvido no seu aprendizado. Inicialmente, concordamos com a ideia e ministramos as aulas em dupla: pai e filho.

Todavia, a aula em conjunto se tornou um problema, em razão dos ciúmes que Paulo tem do pai, pois, toda vez que íamos interagir com o pai durante a aula, ele ficava agitado. Para evitar isso, decidimos deixá-los em horários distintos e, imediatamente, o pai concordou.

78

4 AS AULAS DE TECLADO

Na escola de música, as turmas são organizadas de acordo com a preferência de horário de cada aluno e a faixa etária. As aulas coletivas de teclado são ministradas para turmas de até três alunos, cada uma com duração de uma hora.

A sala tem um teclado e um fone de ouvido para cada aluno, mas, nas aulas com Paulo, evitamos o uso do fone de ouvido, considerando que ele não gostava de usá-lo.

Posteriormente à distinção dos horários de pai e filho, Paulo teve as aulas de teclado individualmente, em virtude da falta de alunos matriculados na escola no mesmo horário. Tendo em vista que no horário anterior ao dele, dois alunos com idade entre oito e nove anos estavam matriculados, decidimos colocar Paulo nessa turma, dividindo, assim, a aula em duas partes: o primeiro momento com duração de 30 minutos, na turma com dois colegas; e o segundo momento com duração entre 15 a 20 minutos, a aula transcorria individualmente com Paulo.

Estabelecemos essa dinâmica com o intuito de proporcionar ao referido aluno o atendimento especial no segundo momento e a participação na aula em grupo, interagindo com outros alunos no primeiro momento. Pois,

[...] pertencer a um grupo acaba sendo fundamental para a superação das dificuldades de aprendizagens por parte das crianças com necessidades educacionais especiais, pois proporciona descobertas, crescimento pessoal, além de oportunidades iguais. (FREITAS, 2010, p. 69).

Sabendo que o indivíduo com Síndrome de Down tem um retardo mental no desenvolvimento cognitivo (RAVAGNANI, 2009), avaliamos que a diferença de idade entre Paulo e os outros alunos era ideal para estudarem juntos.

79

4.1 Práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas em grupo

Antes de iniciar as aulas em grupo, dialogamos com os alunos da turma. Avisamos que teríamos durante uma parte da aula um colega especial, inteirando-os sobre a importância de recebê-lo bem e respeitá-lo, compreendendo que por ter uma NEE, ele poderia agir um pouco diferente do que eles estavam acostumados, mas que independentemente disso, eles poderiam aprender juntos.

É imprescindível promover a inclusão social na educação entre os alunos, conscientizando-os da presença de pessoas com NEE, sendo importante incluí-las na sala de aula como qualquer outra pessoa. Vale lembrar

[...] que tal pessoa não é uma patologia; antes, ela é um ser humano que apresenta diversas características da personalidade e que também tem uma patologia. A doença, deficiência ou transtorno é parte de um todo maior: o ser ali presente. Precisamos compreendê-lo de forma ampla e esquecer um pouco o foco na doença. Por certo é importante conhecer o quadro diagnóstico do estudante [...] mas não podemos olhar somente para isso. (LOURO, 2018, p. 55).

As aulas em grupo foram fundamentais para o bom desenvolvimento de Paulo. Normalmente, nas aulas individuais, ele parecia estar ali por obrigação, sentindo-se sozinho. Portanto, desde que o incluímos na turma verificamos um aumento exponencial no seu interesse, participando com animação, por estar junto com colegas com quem podia interagir.

VII Encontro sobre Música e Inclusão

"Políticas públicas e pessoas com deficiência:
práticas inclusivas e perspectivas de ação"

Natal/RN, 29 de maio a
1 de junho de 2019

Dentre as principais abordagens de iniciação ao piano/teclado, adotamos a abordagem do Dó central, estudando as lições do livro *Meu piano é divertido* de Botelho (1983) para as aulas em grupo.

Optamos por esse método porque dá acesso à leitura de partitura nas claves de Sol e Fá, simultaneamente, desde o início, além de observar o dedilhado usado para cada nota musical, evitando, assim, o uso aleatório dos dedos.

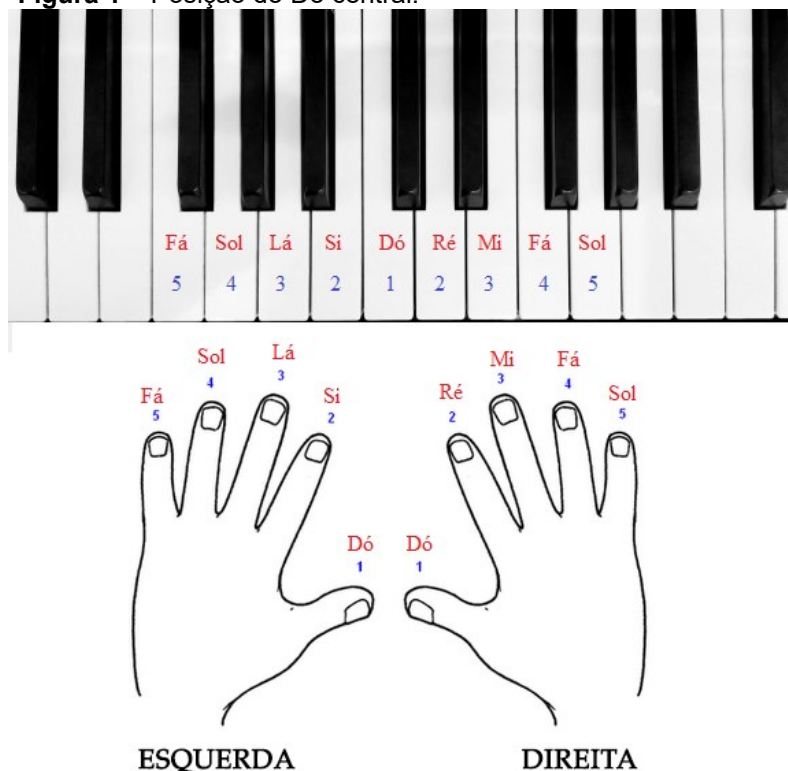
Para execução dessas atividades, o aluno deve fazer a posição do Dó central com as duas mãos e, gradualmente, acrescentam-se as notas Ré, Mi, Fá e Sol, na clave de Sol, para tocar com a mão direita; e as notas Si, Lá, Sol e Fá, na clave de Fá, para tocar com a mão esquerda, determinando o dedo específico para cada uma das notas musicais (FIGURA 1).

VII Encontro sobre Música e Inclusão

"Políticas públicas e pessoas com deficiência:
práticas inclusivas e perspectivas de ação"

Natal/RN, 29 de maio a
1 de junho de 2019

Figura 1 – Posição do Dó central.



Fonte: Os autores (2019).

Nota: A figura mostra as teclas do teclado, marcadas com os nomes das notas e a numeração dos dedos das mãos direita e esquerda. Sendo na mão esquerda os dedos: mínimo – número 5, nota Fá; anelar – número 4, nota Sol; médio – número 3, nota Lá; indicador – número 2, nota si; polegar – número 1, nota dó central. E na mão direita: polegar – número 1, nota dó central; indicador – número 2, nota ré; médio – número 3, nota mi; anelar – número 4, nota fá; mínimo – número 5, nota sol.

Primeiramente, explicamos para a turma, como ler determinada nota musical na partitura, ilustrando no quadro e vendo o exemplo no livro. Em seguida, fizemos a demonstração de como tocar aquela lição e deixamos cada aluno treinando em seu teclado. Ao final de um intervalo de tempo, determinado por nós, cada aluno executou o exercício.

Vale salientar que Paulo é tímido e, da mesma forma que ele não queria tocar a Valsa, anteriormente citada, nas primeiras aulas em grupo, no momento da execução do exercício para que pudéssemos avaliar seu desempenho, ele se recusava e levantava os ombros para dizer que não sabia, apesar de saber. Sendo assim, para podermos ouvi-lo, deixávamo-lo tocando livremente e, enquanto

estávamos interagindo com os outros alunos, ele ficava treinando a lição no teclado sem fones de ouvido, de forma que podíamos escutá-lo para avaliarmos o que tocava. Entretanto, no decorrer das aulas, Paulo passou a querer tocar os exercícios espontaneamente, participando do que era solicitado por nós.

Dentre as lições do livro, experimentamos o aprendizado em conjunto da lição *O carneirinho de Mary*. Com o objetivo de viabilizar o aprendizado de Paulo relativo à leitura das notas musicais na partitura, escrevemos no quadro cada uma das frases da música e falando o nome das notas juntamente com os alunos. Em seguida, reproduzimos as frases no instrumento, e logo após a nossa demonstração, cada aluno, individualmente, deveria repetir a mesma frase no seu instrumento. Deste modo, foi possível que todos tocassem a música, individualmente, e apreendessem o nome das notas na pauta.

Percebemos que foi fundamental respeitar o tempo de adaptação de Paulo na sala de aula. Aos poucos ele compreendeu e quis imitar os outros colegas, que tocavam a lição quando solicitávamos.

Paulo executava as lições iniciais com facilidade, mas, observamos que não era através da leitura da partitura como os demais alunos, e sim por imitação. Esse fato nos levou a construir estratégias de ensino, que serão abordadas adiante.

4.2 Práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas individuais

O primeiro desafio enfrentado foi conseguir convencer Paulo a tocar nas aulas individuais do segundo momento. A princípio, ele não queria tocar a música anteriormente estudada e, para contornar essa situação, modificamos a nossa abordagem metodológica, deixando-o livre para escolher a lição que gostaria de tocar. Desta forma, Paulo se sentiu mais à vontade, e a execução foi, aos poucos, deixando de ser um empecilho.

Verificamos que o professor pode encontrar outras formas de levar o aluno a executar determinada atividade, seja com a forma de falar ou exemplificar, o importante é deixá-lo confortável e seguro. O professor pode ser um facilitador do ensino, ao aceitar

[...] os limites de seu aluno, auxiliando-o a se perceber realisticamente, quando cria em classe um clima agradável de amizade, cooperação e promoção do ser humano: quando evita a criação de um alto nível de tensão, ansiedade... relacionado a medir, avaliar, julgar e, principalmente, competir e comprovar. Assim, a postura do professor pode exercer uma grande influência na formação do autoconceito acadêmico do estudante. (OLIVEIRA, 2000, p. 66).

Ao percebermos que Paulo conseguia executar as lições imitando o nosso movimento enquanto tocávamos, investimos no aprendizado por demonstração, tanto nas aulas em grupo, como individuais. Este é um caminho bastante usado nas aulas de música de instrumentos.

A maneira mais eficaz de ensinar por demonstração é, obviamente, repetir o desempenho de seções de uma composição para estabelecer um modelo a ser seguido pelo aluno; o propósito pode ser mostrar uma interpretação mais musical e expressiva de uma frase, ou ilustrar os movimentos requeridos para o efeito desejado. (ROBERT, 2004, p. 459, tradução nossa).

Partindo dessa perspectiva, por meio da demonstração e imitação, estudamos a música *Dó, Ré, Mi, Fá*. Além de ser uma música infantil bastante conhecida e reproduzida por diferentes mídias direcionadas ao público infanto-juvenil, é de fácil reprodução em razão do uso consecutivo dos dedos, com o movimento em uma só direção, e apenas um salto.

Separamos a música em pequenos trechos de acordo com as frases (TABELA 1). Primeiramente, tocamos no intuito de demonstrar a Paulo e, seguidamente, pedimos para ele tocar, ressaltando a sequência das notas e o dedilhado, a qual conseguiu tocar satisfatoriamente.

Tabela 1 – Divisão das frases da música com o dedilhado utilizado.

1-	DÓ	RÉ	MI	FÁ	FÁ	FÁ
	1	2	3	4	4	4
2-	DÓ	RÉ	DÓ	RÉ	RÉ	RÉ
	1	2	1	2	2	2
3-	DÓ	SOL	FÁ	MI	MI	MI
	1	5	4	3	3	3
4-	DÓ	RÉ	MI	FÁ	FÁ	FÁ
	1	2	3	4	4	4

Fonte: Os autores (2019).

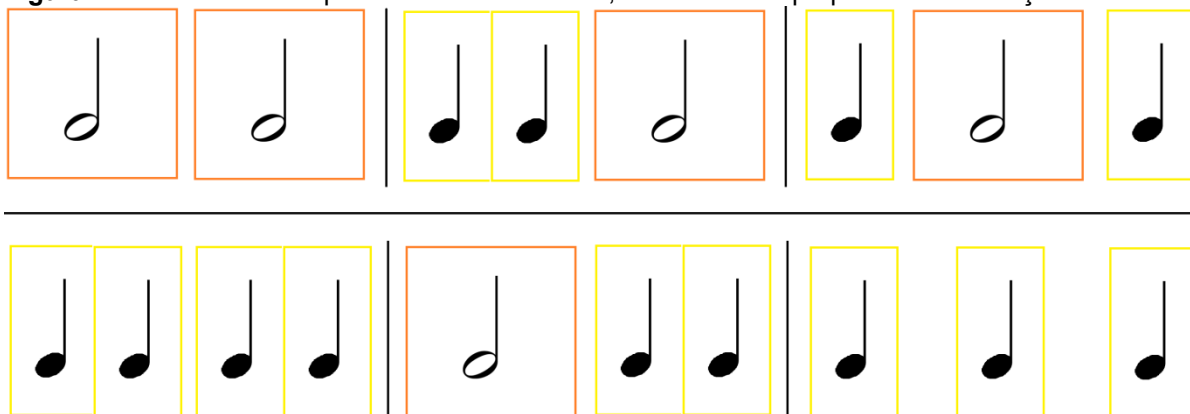
Posteriormente, começamos a estudar a música *É Natal*, popularmente conhecida e reproduzida pela mídia durante as festas natalinas. Nesse estudo realizamos a abordagem intervalar, com a intenção de tocar o acompanhamento da música, utilizando duas notas de cada acorde. Deixamos o aluno livre para escolher o dedilhado para tocar e, espontaneamente, ele tocou com os dedos indicadores.

Explicamos que iríamos ler a nota principal do acorde e tocar duas notas, uma com cada mão, tendo em vista que não estudamos a cifra, sendo representado assim: Dó – dó, mi; Fá – dó, fá; e Sol – si, ré. Apresentamos a forma de tocar cada acorde e solfejamos. Em seguida, pedimos para que, primeiro, ele cantasse as notas, para deixá-las bem fixadas na mente. Ele cantou e, sucessivamente, tocou as notas já com o ritmo da música, antes mesmo de mostrarmos como fazer, demonstrando familiaridade com a música estudada.

Logo após aprender a tocar as lições do livro e as músicas, decidimos gravar áudios e vídeos, com a permissão do pai, em alguns momentos da aula, a fim de incentivá-lo a tocar, de forma que pudesse se ver e ouvir, percebendo o seu aprendizado e valorizando tudo que estávamos fazendo. Dessa forma, podemos, também, avaliar o seu desempenho nas aulas.

O indivíduo com Síndrome de Down é capaz de reter informações com mais facilidade através do estímulo visual, do que auditivo (RAVAGNANI, 2009). Baseando-se nessa estratégia, preparamos fichas com figuras rítmicas de diferentes tamanhos proporcionais à sua duração, a fim de desenvolver a percepção rítmica e a leitura (VIANA; MARCELINA, 2017). Apoiando-as no suporte de partituras do teclado, mostramos a Paulo a figura da mínima e da semínima, explicando como era a reprodução delas no teclado, tocando uma nota aleatória, promovendo diferentes sequências com as figuras, a fim de fornecer o máximo de ações possíveis (FIGURA 2).

Figura 2 – Fichas rítmicas para atividade de leitura, com tamanho proporcional à duração.



Fonte: Os autores (2019).

Nota: Desenho das figuras rítmicas mínima e semínima, organizadas em fichas de acordo com a duração, numa sequência de exercícios para execução em sala de aula. A ficha da mínima (com a borda laranja), tem o dobro do tamanho da figura da semínima (com a borda amarela). Compasso 1: mínima – mínima, compasso 2: duas semínimas – mínima, compasso 3: semínima – mínima – semínima; compasso 4: quatro semínimas, compasso 5: mínima – duas semínimas e, compasso 6: três semínimas.

Com essa estratégia, podemos, ainda, adicionar no decorrer das aulas e de acordo com o desenvolvimento do aluno, novas figuras musicais, viabilizando o aprendizado contínuo das figuras rítmicas.

Em algumas aulas conseguimos prender a atenção de Paulo, de forma que fez todos os exercícios propostos. Contudo, em outras aulas, não obtivemos sucesso. Apesar de nossos esforços, ele não se concentrava na aula, recusando-se a fazer o que pedimos, mesmo após adotarmos diferentes estratégias.

Em um desses dias, perguntamo-lo o que gostaria de fazer e, voluntariamente, começou a tocar as notas da escala de dó maior, usando dedos aleatórios. Então, propusemos o estudo da escala de dó maior observando o dedilhado adequado.

Após fazer a demonstração, solicitamos o aluno a repeti-la, deixando-o treinar algumas vezes, com o propósito de executar bem a escala, ao ponto que, quando percebia que errava, ele mesmo corrigia e dava continuidade ao estudo, sem necessidade de uma intervenção nossa. Esse fato mostra que o aluno desenvolveu a autonomia e a percepção musical de forma significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes estratégias do ensino de música para pessoas com deficiência podem ser desenvolvidas. Com esta experiência, percebemos que o professor precisa entender e respeitar o tempo de aprendizagem de cada indivíduo, especialmente aqueles com NEE. É necessário que o educador modifique e amplie as estratégias de ensino e encontre caminhos pedagógicos facilitadores da aprendizagem de música para pessoas com deficiência, especificamente, pessoas com Síndrome de Down. Dessa forma, podemos tornar o ensino de música inclusivo, enfatizando a ideia de que todos podem aprender música.

Esperamos que este trabalho possa ampliar as discussões na área, oferecendo possibilidades de estratégias metodológicas para educadores musicais interessados no ensino de teclado para pessoas com Síndrome de Down.

Reforçamos que as práticas aqui descritas podem ser utilizadas nas aulas de música em geral, não sendo exclusivas para pessoas com NEE.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Alice G. **Meu piano é divertido**. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1983.

FREITAS, Camila Siqueira Cronemberger. **Interação social entre pares: a importância do brincar para a inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina.

LOURO, Viviane. **Jogos e atividades para a educação musical inclusiva**. São Paulo: Editora Som, 2018.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Autoconceito do adolescente. *In*: SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, G. C.; FINI, Lucila Dihel Tolaine (org.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Pretópolis: Vozes, RJ; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000. Cap. 4, p. 58-69.

PENNA, Maura. A função dos métodos e o papel do professor: em questão "como" ensinar música. *In*: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011.

RAVAGNANI, Anahi. **A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social**. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ROBERT, Walter. Four-way piano teaching: criticism, demonstration, analysis, inspiration. *In*: AGAY, Denes. **The art of teaching piano: the classic guide and reference book for all piano teachers**. Yorktown: Yorktown Music Press, 2004. p. 457-462.

VIANA, Ana Célia de Lima; MARCELINA, Guri Santa. Estratégias e sugestões de atividades musicais para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na aula de música. *In*: CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA ISME, 11, 2017, Natal. **Anais [...]**. Natal: ISME, 2017.